

A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA HISTÓRICA E SOCIAL EM EDWARD THOMPSON: PERCURSOS INICIAIS

João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior¹

RESUMO: Este texto analisa a noção de experiência histórica e social nos escritos do historiador britânico Edward Palmer Thompson. Ao pensar o conceito de experiência, adotou-se como norte o livro *Senhores e caçadores*, publicado no Brasil em 1997. O livro deve ser lido e entendido como um experimento historiográfico, que estuda as origens da Lei Negra e a organização histórica dos habitantes pobres da localidade. Procurou-se, ao longo deste artigo jogar luz em conceitos centrais da teoria thompsoniana, em especial na razão do processo histórico, que gera a dinamicidade e a fluidez das ações humanas no teatro da realidade social.

PALAVRAS CHAVES: Edward Thompson. Experiência histórica e social. *Senhores e caçadores*.

ABSTRACT: This paper analyzes the notion of historic and social experience in the writings of the British historian Edward Palmer Thompson. When thinking about concept of experience, adopted as the book *Whigs and Hunters* published in Brazil in 1997. This book should be read and understood as historiographical experiment that studies the origins of the Black Act, and the organization of local poor inhabitants. Was attempted along this article shed light on the central concepts of thompsonian theory, particularly the relationship which dynamism and fluidity of human action in the theater of social reality.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Adjunto III da Universidade Federal de Viçosa – Campus de Rio Paranaíba (UFV-CRP).

KEY WORDS: Edward Thompson. Historical experience and social. Whigs e Hunters.

Edward Palmer Thompson, historiador, militante, poeta, ativista político, e outras facetas, foi um dos mais importantes e influentes intelectuais do século XX. Sua produção acadêmica tinha como tema central os movimentos políticos, sociais e culturais de trabalhadores ingleses dos séculos XVIII e XIX. No entanto, restringir a atuação de Thompson somente à produção acadêmica seria errôneo, uma vez que ele transitava com facilidade entre a universidade e a prática política cotidiana. Tanto uma atividade quanto a outra são como dedos na mesma mão, isto é, partes integrantes da mesma função².

Pois bem, a extensão da influência de Thompson é para além dos muros da academia, ecoando na militância civil organizada. Edward Thompson foi, talvez, uma das vozes mais ouvidas e respeitadas da luta antinuclear³, tornando-se referência obrigatória para os militantes da área.

O texto aqui apresentado pretende trabalhar o conceito de experiência histórica e social organizado pelo historiador britânico em seus trabalhos e pesquisas acadêmicas. Como referência básica será utilizada o livro *Whigs and hunters* de 1975, traduzido com o título *Senhores e caçadores*.

Publicado no Brasil em 1997, o livro pode ser encarado, como já salientou Thompson no prefácio, um experimento historiográfico em virtude do tema que buscava, entender as origens da Lei Negra, e seu autor pouco sabia a respeito dela. A origem do livro surgiu de uma proposta inicial de um grupo de docentes da

² É imprescindível esclarecer que Thompson não dissociava o “fazer história” do cotidiano

⁵ua militância política, pacifista e ecológica estava completamente associada a sua práxis histórica.

³ Para maiores detalhes ver: THOMPSON, Edward Palmer. *Exterminismo e guerra fria*. São Paulo: Brasiliense, 1987. THOMPSON, Edward Palmer. *Zero option*. Manchester Road: British Library, 1982.

Universidade de Warwick, que organizava, catalogava e preparava material e documentos pertinentes para um futuro livro sobre a história social do crime na Inglaterra do século XVIII.

Edward Thompson fazia parte do projeto. Sua incumbência seria trazer contribuições sobre as origens da Lei Negra, uma lei histórica e jurídica inglesa do século XVIII. As expectativas criadas pelo autor sobre o novo tema de estudo, fizeram que mesmo com certo receio, se debruçasse sobre a pesquisa. Com certo desapontamento, Thompson relatou as dificuldades encontradas no campo de pesquisa:

A suposição era equivocada e as dificuldades mostram se sérias.

A principal documentação jurídica sobre os julgamentos dos negros tinha se perdido. Apenas um panfleto contemporâneo oferecia algum relato deles. A imprensa apresentava somente notícias minguadas – e algumas logo se mostravam enganadoras. Mesmo a preparação de um mero relato dos acontecimentos provou-se muito difícil. (Ainda não estou muito certo se consegui)⁴.

Todavia, as dificuldades documentais não foram empecilhos ou obstáculos, pelo contrário, serviram como estimulantes para o prosseguimento e o adiantamento da pesquisa, que dava os primeiros passos. Não obstante, Thompson relata no prefácio do livro que a maior dificuldade foi proceder a uma análise historiográfica abalizada, uma vez que a escassez documental e a perda do conhecimento histórico foram entraves, contornados pela pesquisa na imprensa e por alguns documentos esparsos, mas disponíveis. Comentando sobre tais dificuldades escreve Thompson:

⁴ THOMPSON, Edward Palmer. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Oferecer uma análise ponderada seria ainda mais difícil, porque não só os acontecimentos mas o seu contexto se perderam para o conhecimento histórico. Assim, a imprensa e indicações dispersas e documentos oficiais mostravam que alguns distúrbios concentravam-se na Floresta de Windsor⁵.

Foi por esses documentos oficiais e jornais de época que o autor pode perceber que na Floresta de Windsor alguns incidentes indicavam a presença de habitantes da floresta se opondo frontalmente contra a legislação florestal da época. Thompson apreendeu que os negros de Waltham (THOMPSON, 1997) posicionavam-se contrariamente aos bispos de Winchester. A oposição acontecia em função da discordância sobre a administração e as finanças da Igreja no começo do século XVIII. Os documentos revelaram uma dificuldade adicional:

O que tornou esse exercício mais arriscado foi que eu nunca lera ou pesquisara muito sobre qualquer aspecto da história social antes de 1750. Os historiadores, em sua maioria, não se aventuram a esse tipo de situação, e são sensatos [...]⁶.

Mesmo se sentindo como um “paraquedista que aterrissa em território desconhecido” (THOMPSON, 1997), Thompson trabalha os documentos de modo diferente, o que ele intitula como sendo “experimento historiográfico”. O ponto de partida foram as diversas experiências vividas pelos moradores mais humildes da Floresta de Windsor.

É justamente por se sentir parcialmente deslocado, e um pouco desconfortável dentro dessa vertente histórica, que Thompson recorre a metodologias pouco exploradas pelos historiadores sociais especialistas na sociedade do começo do século XVIII. Ele argumenta que para a realização do trabalho

⁵ *Ibidem*, p.15.

⁶ *Ibidem*, p.16.

recorreu constantemente a seu “autodidatismo”⁷, como se percebe:

não duvido muito que os especialistas na sociedade dos inícios do século XVIII chamar-me-ão à ordem, muito devidamente, por meu inconveniente autodidatismo em alguns pontos da minha desleal visão do whiguismo⁸.

Como adverte o próprio autor, a leitura empreendida gerou uma intenção: a percepção clarificada de determinadas nuances sobre o governo Walpole. Todavia algumas perguntas essenciais para o andamento da pesquisa não foram respondidas, suscitando ainda mais dúvidas. Thompson levanta uma hipótese não confirmada de que os beneficiados dos anos 1722-1724 foram aquelas pessoas e grupos que circulavam próximo ao governo Walpole, ou são seus frutos. Com as possibilidades analíticas em mãos, o historiador britânico reconhece que, mesmo tendo lido todos os documentos pertinentes, essa questão ainda ficou em suspenso e sem resposta adequada. É desta forma quase auto-confessional que Thompson concebe o livro *Senhores e caçadores*, intercalando suas próprias experiências com a de homens e mulheres comuns habitantes das florestas.

O princípio ontológico fundante na teoria thompsoniana assentava-se na razão do processo histórico, em outros termos, baseava-se na história real e concreta que é dinâmica, fluida e impermanente. Isso significa que as metodologias históricas calcadas em modelos analíticos estáticos pouco ou nada contribuiriam para o avanço da pesquisa historiográfica.

A agilidade histórica é sem dúvida, para Edward Thompson, o palco da ação social. Através dela, são construídas as experiências

⁷ É necessário colocar que o autodidatismo de Thompson na pesquisa em nada atrapalhou o resultado, ao contrário. É por seu esforço de se instruir na temática que percebeu com convicção as nuances históricas de pequenos agricultores, reideiros e consuetudinários das florestas em 1723.

⁸ THOMPSON, 1997, p.17.

formadoras das lutas de classe empreendidas pelas categorias sociais envolvidas. Para ele, a história humana independe de quaisquer pretensões teóricas ou metodológicas⁹.

A obra de suporte do presente texto é o exemplo mais notório da percepção de Thompson sobre a importância da atividade histórica em detrimento de análises oriundas do materialismo histórico. A dinâmica humana prevalece sobre a formação de conceitos históricos fechados no tempo. Em *Senhores e caçadores*, a fluidez dinâmica das ações humanas em um contexto social de miséria e escassez dos negros e trabalhadores pobres é a tônica central do livro. Em verdade, Thompson procurou esclarecer que as ações coletivas constroem-se no cotidiano da luta, independentemente de análises exteriores. Caberia às teorias históricas captar analiticamente tal fluidez.

Esse “experimento historiográfico” tornou-se uma experiência eficaz em que o autor conseguiu, com qualidade, conjugar conceitos teóricos com a solidez de um campo empírico solidamente construído. Entre muitos relatos documentais, talvez um que se destaque é o relato de caçadores na floresta de Hampshire, que receberam a pena de enforcamento pela caça ilegal de cervos reais. O motivo causador é surpreendente:

⁹ Regina Hostins em um interessante trabalho apresentado no congresso da ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação) assevera que em Thompson a história real é independente de ações teóricas exteriores. De acordo com Linhares; Isto significa dizer, que para ele, a história real existe independente de qualquer esforço cognitivo do sujeito e que quaisquer categorias ou conceitos empregados pelo materialismo histórico só podem ser compreendidos como categorias históricas, isto é, categorias ou conceitos próprios para investigação de processo, de uma realidade que não é passível de representação conceitual estática, mas que deve ser interrogada na sua irregularidade e contradição HOSTINS, Regina Célia Linhares. O pesquisador e a lógica histórica: contribuições do historiador E. P. Thompson para a pesquisa em educação. In: *27º Reunião Anual da ANPED*, 2004, Caxambu. *27º Reunião Anual da ANPED*. Caxambu: ANPED, 2004.

Num dos extremos, dinheiro; no outro, amor. Edward Elliott, com apenas dezessete anos, foi para o patíbulo por ter se perdido dos companheiros [durante o ataque a Alice Holt], tentando apanhar viva uma corcinha como presente para sua namorada¹⁰.

A análise de Thompson é ainda mais interessante:

Para que moças bonitas, mas inflexíveis, admiram, logo surgirão rapazes que o realizem. Sem dúvida, o puro risco, a clássica excitação da caça clandestina de cervos e o abrandamento da inflexibilidade que traziam essas aventuras, devem ser incluídos entre os verdadeiros motivos¹¹.

A citação revela a principal vertente do pensamento thompsoniano. Em outros termos, as classes sociais não podem ser enquadradas em categorias ou estruturas fechadas em si mesmas. Elas possuem dinamicidade histórica, ao contrário das estruturas e categorias que não permitem aberturas maiores em virtude de sua gênese formadora analítica e estática.

O autor britânico assevera que o termo classe social foi a categoria histórica que sofreu desarranjos constantes por parte das doutrinas estruturais que, ao associarem-na com as estruturas sociais, retiram seu vigor e sua vivacidade, já que em Thompson as classes sociais não são estéreis teorias. Se assim o fossem, seriam insuficientes e ineficientes na condução da luta de classes. A citação parece corroborar com esse entendimento:

Para ele, nenhuma categoria histórica foi mais des-historicizada e congelada do que a categoria “classe social”. Devido a seu emprego indiscriminado no universo intelectual mais abrangente – que lhe impõe sua lógica própria – a “classe social” foi, de certo modo, reduzida a uma categoria estática. Considera que a noção de classe é construída por homens e mulheres a partir de sua própria existência de luta, e não numa estação experimental nem

¹⁰ THOMPSON, 1997, p. 206.

¹¹ *Ibidem*, p. 206.

tão pouco reduz se a um efeito de “estrutura ulterior” dos quais os homens não são sujeitos, mas apenas seus vetores¹².

A passagem de Regina Linhares vem ao encontro das propostas apresentadas por Edward Palmer Thompson em suas pesquisas historiográficas. As ações de homens e mulheres reais são os retratos mais fiéis das experiências sociais e históricas organizadas. Em outros termos, representam a formação das classes sociais enquanto fenômenos da experiência social e histórica. Os verdadeiros artífices da história são as experiências e memórias praticadas por pessoas comuns, ou pela “classe vista de baixo”.

A construção das experiências históricas e sociais perpassam todos os segmentos da existência humana e elas se organizam em função das formações religiosas, das atitudes e também das atividades profissionais exercidas. Thompson procura, em *Senhores e caçadores* mapear a constituição das experiências reais e concretas. Em determinada passagem, relata a carência de mão de obra especializada em certos distritos ingleses do século XVIII. Em Hambledon, uma aldeia perto da floresta de Bere, havia expressiva diversidade de ofícios, fato comprovado na documentação pesquisada por Thompson:

Os documentos, que de forma alguma constituem um recenseamento completo, mostram a existência das seguintes profissões: cordovaneiros [cinco], pedreiros [quatro], carpinteiros [quatro], ferreiros, taoneiros, merceiros, negociantes de tecidos e fazendas, alfaiates [dois de cada] e um açougueiro, um fabricante de colarinhos, um vidraceiro, um pintor, um peruqueiro, um seleiro, um serrador, um cirurgião, um fabricante de velas de sebo e um curtidor, além de vários pequenos agricultores. Isso, dificilmente sugere (nos anos 1720) uma situação de preguiça, ociosidade e miséria¹³.

¹² HOSTINS, Regina Célia Linhares. O pesquisador e a lógica histórica: contribuições do historiador E. P. Thompson para a pesquisa em educação. In: *27º Reunião Anual da ANPED, 2004, Caxambu* 27º Reunião Anual da ANPED Caxambu: ANPED, 2004.

¹³ THOMPSON, 1997, p. 151.

Estão aí citados exemplos da construção de experiências históricas e sociais através do trabalho. A ocupação profissional torna-se um dos elementos intensificadores da conscientização dos trabalhadores, serve de estimulante para a formulação da consciência de classe¹⁴.

A ação humana conecta-se com aspectos sociais, culturais e institucionais. Todas, em conjunto, condicionam as ações de homens e mulheres na concretude de suas experiências históricas. Ele argumenta que ela condiciona-se em função das estruturas existentes¹⁵, e é nelas que ações históricas articulam-se. O livro *Senhores e caçadores* traz notáveis exemplos das experiências históricas no interior das estruturas sociais.

A obra que serve de suporte para o presente texto revela o conflito em função da presença episcopal na floresta de Hampshire. Thompson alerta seus leitores sobre os bispos daquela localidade, que causavam na população sentimentos litigiosos e ambíguos em razão de determinadas atitudes contrárias aos interesses dos habitantes locais. O que estava no centro do campo de jogo era a exploração exacerbada dos recursos naturais da floresta: nesse caso, em especial, os costumes nobres de arrendatários e bispos. Têm-se aí disputas políticas e jurídicas, funcionando como as experiências e ações históricas articuladoras. Para Thompson:

Para se defenderem, os arrendatários tinham de reivindicar seus costumes nos tribunais senhoriais, e tendiam a se aliar à burocracia da intendência da sede; como vários funcionários do bispo ocupavam seus lugares por direito vitalício, não eram necessariamente subservientes à vontade do bispo. No centro

¹⁴ É interessante reiterar que, para Thompson, os proletários só conquistam a consciência classista pela luta de classes, que é um processo histórico e contínuo. As classes sociais não podem existir como entidades separadas e ensimesmadas.

¹⁵ Cumpre esclarecer que Edward Thompson não afirma que toda ação humana é determinada em última instância pelas estruturas sociais. Ele coaduna que os processos de construção das experiências históricas e sociais organizam-se através das estruturas sociais.

da agricultura episcopal, havia interesses opostos; a situação era sempre complexa e muitas vezes tensa¹⁶.

Logo em seguida, continua:

Qualquer que tenha sido o elemento precipitador da atividade negra, a oposição entre o bispo e os arrendatários consuetudinários remontava a décadas. O Bispo Peter Mews morreu no final de 1706, com 89 anos de idade; em seus últimos anos, talvez não tenha se mostrado um senhor de terras muito firme [...]¹⁷.

As duas passagens explicitam a auto formação das classes populares que habitavam a floresta de Hampshire. Edward P. Thompson revela que tais personagens utilizavam, em muitos casos, de ações públicas, como formas de garantir seus interesses privados frente à influência do bispado sobre as terras e extensões da floresta. De outro ponto, buscavam-se também outras formas e modelos de ação coletiva, que muitas vezes passava ao largo das ações públicas. Destacavam-se, nesse caso, ações populares que visavam desestabilizar as relações entre a Igreja e os arrendatários das terras; em muitas delas, a violência contra os representantes eclesiais e os arrendatários consuetudinários da diocese era a tônica das ações coletivas.

Trelawny não teve a oportunidade de cortar a garganta do pretendente. Contudo, teve a oportunidade, durante quinze anos, de perturbar as relações da Igreja com os arrendatários consuetudinários em sua diocese[...]¹⁸.

Contudo, no epicentro, destacam-se os processos de autoconhecimento de homens e mulheres que buscavam através de diferentes formas de ação coletiva colocar-se diante

¹⁶ THOMPSON, 1997, p. 152.

¹⁷ *Ibidem*, p. 152.

¹⁸ *Ibidem*, p. 155.

da situação histórica sem máscaras, que ofuscavam a visão da realidade social na qual se inseriam. De outra perspectiva, a busca pelo autoconhecimento contrariava determinadas escolas marxistas que trabalhavam a partir da ideia de alienação. Ao contrário, Thompson argumentava que a utilização associada de elementos da cultura popular com a experiência concreta de homens e mulheres retirava de cena a perspectiva da alienação¹⁹.

A emblemática análise referente aos episódios de ação popular ocorridos na floresta de Hampshire, sobretudo no período da intendência do enérgico Dr. Heron (ou Herne)²⁰ revela através de uma leitura atenta do capítulo que diante da opressão e da sistemática vigilância do intendente chefe, a população local conseguia assim mesmo buscar alternativas de sobrevivência diante da carestia do período. Parte das ações populares concentrava-se na floresta e nas fazendas circunvizinhas. As invasões quase sempre deixavam um rastro de vandalismo e destruição nas propriedades.

Pertinaz como um cão sabujo, que pelo faro apurado segue a pista e os rastros deixados pela caça inocente e desavisada, o intendente Dr. Heron descobriu uma série de irregularidades e atos de nocividade ao patrimônio público e privado. Aqui se configuram duas possibilidades hermenêuticas: a primeira delas trata das ocorrências intactas em si mesmas, já a segunda análise, correndo pelo oposto, é claramente evidenciada pelos aspectos pertinentes e formadores das experiências populares.

¹⁹ E. P. Thompson revelou empiricamente que os homens e as mulheres são de fato os sujeitos de sua história descartando, com isso, leituras marxistas que inseriam tais atores em estruturas sociais que os tornavam alienados de si e do mundo que os rodeava. De acordo com ele: “Os homens e as mulheres retornam como sujeitos, dentro deste termo [experiência] – não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura [...]”. A citação remete de imediato à noção de experiência para Thompson.

²⁰ THOMPSON, 1997.

No entanto, apesar da postura austera e vigilante, especialmente no combate aos pequenos delitos, a população pobre local organizava-se em torno de estratégias de resistência pelas quais se opunham tanto as vigilâncias externas: à temporal quanto a espiritual. As entrelinhas revelam situações de descontentamento e oposição popular ao inexpugnável intendente, que, de acordo com a leitura, utilizava recursos para fiscalização que infringiam as normatizações estabelecidas. A citação parece contribuir para o entendimento dessa figura controversa:

É uma extraordinária miscelânea de queixa. Heron ofendera claramente toda a burocracia, e ainda o clero e a fidalguia a ela associadas. Algumas das acusações eram extremamente pessoais. Escolhera empregados escandalosos e mal-afamados, fazendo deles seus informantes; espalhara falsas histórias sobre os funcionários constituídos do bispo; era “um homem autoritário muito arrogante e de têmpera rígida”; empregava “expressões baixas e impolidas” com os arrendatários, e “é uma pessoa que pragueja e maldiz os empregados, funcionários e arrendatários de Vossa Senhoria [...]” “é um constante violador do descanso semanal” que passava seus domingos a investigar os registros” “é por fama um homem necessitado e vive separado de sua mulher, e é muito vicioso”, e quando convidado para ficar na casa de Kerby, “comportou-se assim com sua criada, usando seduções tão violentas com ela sob a forma de devassidão que ela não quis entrar em seu quarto” [...]”²¹.

Além das acusações referentes à conduta profissional do Dr. Heron, pesavam sobre ele, também, uma miríade de denúncias relativas à maneira rude e desrespeitosa que o intendente dirigia aos funcionários:

“por seu orgulho, põe-se acima do conselho dos antigos funcionários do bispado de vossa Senhoria, que conhecem os costumes daqui”. Ameaçara Wither, o intendente das terras (oficial de patente), com

²¹ THOMPSON, 1997, p. 156.

a perda do cargo; recusara ao criado Wither uma autorização costumeira e disse a Wither, em praça pública, que, se não tinha gostado, que carregasse sua valise sozinho: “Quem é seu empregado para o meu Senhor? Tem meu Senhor que lhe dar alguma gorjeta?” Dissera algo parecido a Kerby. O pior era a afronta, visto que esses funcionários são fidalgos [...] e os homens melhores do que o Sr. Herne se não estivesse a serviço de vossa Senhora. Defraudara os funcionários de suas autorizações de assistência nos tribunais senhoriais e usurpara suas funções (e honorários)²².

As admoestações contra o intendente Heron saltam aos olhos dos leitores da obra *Senhores e caçadores* de Edward Thompson. Elas intencionavam revelar ao bispado de Hampshire as atitudes tomadas, muitas vezes intempestivamente por ele. A seu favor, o legítimo direito à defesa:

A resposta de Heron a esses itens foi uniforme: em primeiro lugar, obedecia às ordens superiores de Trelawny (“Vossa Senhoria pode me responder melhor de quem recebi minhas ordens”); “Onde percebi funcionários ou arrendatários negligentes ou invasores, reivindico o direito de Vossa Senhoria & cumpro meu dever [...] Mas onde um homem se põe diligentemente a restaurar os direitos perdidos para o bispado, depois de tantos anos de negligência, & descontinuidade, é impossível preservar a boa opinião de todos”²³.

Thompson anota que parte considerável das acusações empreendidas contra o Dr. Heron estava embasada em violações dos costumes locais. As denúncias contra o intendente poderiam ser catalogadas como triviais e/ou pessoais. Contudo, adianta Thompson, somadas, constituíam em quantidades exacerbadas de “queixas e injúrias psíquicas”²⁴. A leitura que se faz desse episódio reverbera na formação das experiências históricas

²² *Ibidem*, p. 157.

²³ *Ibidem*, p. 157.

²⁴ THOMPSON, 1997.

e sociais de todos os envolvidos no conflito judicial. Nesse caso, a experiência serviria como anteparo que resguardava os habitantes locais envolvidos na disputa pessoal e jurídica contra o detestável intendente.

Por outro lado, nota-se que o intendente Heron e seus sucessores mais imediatos posicionavam-se contrários a determinados costumes originários de gerações passadas. Os esclarecimentos são apresentados por Thompson: Os dois pontos críticos do conflito, que persistiram por muito tempo depois da intendência de Heron, consistiam nos termos da posse consuetudinária (e luvas) e dos direitos a madeira²⁵.

Ainda nessa linha de raciocínio, admitia que os arrendatários das terras episcopais possuíam garantias e vantagens em relação à posse das terras. As leituras documentais do historiador inglês revelaram que a contínua renovação dos contratos partiam diretamente dos bispos. A passagem neste sentido é reveladora:

Mesmo Heron reconhecia que os arrendatários em terras episcopais tinham uma garantia de posse excepcional: “eles têm um interesse em suas posses quase tão sólido quanto uma herança, porque Vossas Senhorias os bispos sempre renovarão com os termos razoáveis conhecidos, e não podem obter uma cláusula reversível, como um senhor laico”²⁶.

A experiência social e histórica revelada pelas citações mostra quadros que apresentam como paisagem o zelo do intendente Heron, e de seu sucessor imediato, que, por iniciativas próprias, burlavam o estabelecimento de regras costumeiras instituídas geracionalmente²⁷. Em foco, estava, de um lado, o exacerbado zelo do bispado de Hampshire, e de outro, os arrendatários. No centro da disputa, os

²⁵ *Ibidem*, p. 158.

²⁶ *Ibidem*, p. 158.

²⁷ Thompson esclarece que os arrendamentos costumeiros tinham como prazo preestabelecido três gerações. Alerta que muitas das concessões eram automaticamente renovadas antes de findado o tempo estipulado.

antigos costumes locais dos habitantes e no extremo oposto, os procedimentos oficiais vindos da cúria. Em verdade, o nascedouro das discórdias acontecia em virtude das constantes alterações nas regras de posse e exploração das terras²⁸.

Em certa medida, os maiores problemas ocorriam no centro administrativo do bispado em Farnham. Nessa localidade, sucediam as principais disputas judiciais, algumas delas atingindo tonalidades mais duras e severas. As atitudes extremadas do tribunal refletiam em condenações de arrendatários, que chegavam a perder o direito de suas posses por não cumprirem algumas determinações legais. Para casos não tão sérios, eram submetidas pesadas multas financeiras. Os esclarecimentos de Thompson parecem imprescindíveis:

Os procedimentos do Tribunal de Farnham tornaram-se mais ásperos. Quando os dezenove jurados foram intimados pelo intendente a condenar mais outros sete arrendatários a perder o direito as suas posses, por cortarem carvalhos e olmos em seus aforamentos sem autorização, “recusavam-se rigorosamente”, e foram punidos pelo intendente com multa de vinte xelins cada por essa recusa²⁹.

Para casos de injúria, difamação, ofensas e outras questões relacionadas ao cotidiano, como também as mais graves, como roubo de gado e equipamentos, o Tribunal de Farnham tinha jurisdição necessária para tais atuações. No entanto, possuía também a legalidade decisória em situações ligadas aos costumes e experiências cotidianas dos arrendatários.

No tribunal seguinte, o júri declarou que, por seus costumes, nenhum arrendatário poderia perder o direito de posse a não ser

²⁸ Consegue-se ler nos inúmeros documentos pesquisados pelo autor, que pela chegada do novo senhor, as regras anteriormente estipuladas foram alteradas ou canceladas. Os novos procuradores desrespeitavam os costumes locais, quebrando-os de acordo com suas conveniências particulares.

²⁹ THOMPSON, 1997, p 161.

por crime e traição. Heron (ele mesmo agora em dificuldades) continuava a instar com Trelawny que conduzisse “o negócio dos foreiros a uma conclusão, e particularmente, ordenar execuções contra os que perderam o direito desde as luvas³⁰.

As disputas entre os arrendatários e o bispado³¹ ganham contornos nas análises thompsonianas como lutas de classe legítimas. Ou seja, o autor tipifica de luta a classe e as ações sociais coletivas que buscassem trazer ganhos políticos, culturais e sociais aos membros da instituição organizadora. As experiências sociais e históricas dos envolvidos, também, de acordo com Thompson, moldam-se e estruturam-se por meio da luta de classe.

Um exemplo interessante das metamorfoses do conceito tradicional da luta de classe encontra eco na disputa pelo direito à exploração das madeiras durante os anos 1690³². A origem da disputa relaciona-se com a ascensão das construções habitacionais, e também com o crescimento da indústria naval inglesa do século XVII, que ansiava por madeiras de qualidade, em especial o carvalho³³. Diante da valorização do carvalho, o bispo da região de Farnham e seu intendente chefe vislumbraram a possibilidade de ganhos pecuniários com a madeira. Entretanto, outras disputas estavam em jogo; a mais importante delas foi a expansão do cultivo de lúpulo³⁴.

A mediação do conflito ocorreu nas sessões judiciais de Surrey, e a decisão final foi contrária às pretensões extrativistas

³⁰ *Ibidem*, p. 161.

³¹ A percepção de Edward Thompson sobre a luta de classes vai além do olhar periférico de alguns marxistas mais ortodoxos. Seu foco é panorâmico, lendo-as como processos amplos constituidores de consciência e ação social. Dessa maneira, as lutas de classe revelavam-se para além das estereis condições estruturantes.

³² THOMPSON, 1997.

³³ THOMPSON, 1997.

³⁴ THOMPSON, 1997.

dos arrendatários. Foram sumariamente proibidos de cortar os carvalhos para que em seu lugar estabelecessem as plantações de lúpulo. Algumas contradições foram notadas no processo, tais como: as madeiras de carvalho só poderiam ser cortadas sem autorização prévia em casos de conserto em suas próprias terras, mas quais seriam os critérios para quantificar o que seriam os consertos? Como seriam as autorizações do guardião dos bosques³⁵? Entre outras ambiguidades³⁶.

Em pauta, estava o valor venal das madeiras de carvalho e como seriam realizadas as deduções e os lucros obtidos através da exploração dos carvalhos. A discórdia centrava-se nas remunerações recebidas pelos guardiões dos bosques por cada liberação consentida. O intendente e o guardião não tinham consenso em relação aos valores cobrados. A controvérsia entre eles se estruturava da seguinte maneira:

Kerby declarava que isso correspondia a um terço do valor da madeira, mas Heron afirmava serem dois terços – a perda sofrida pelo bispo com os estragos de seus arrendatários nada era em comparação com a perda sofrida com as prerrogativas do guardião dos bosques: “o lombo dos reideiros não é tão pesado como seu mindinho”. Kerby, funcionário por privilégio real, mostrou-se irremovível³⁷

Embora o guardião se mantivesse firme em sua postura intransigente, o bispado e seus intendentes, entre eles Heron, buscaram alternativas que objetivavam destituí-lo do cargo. A tentativa de conquistar apoio dos arrendatários passava pela concessão da retirada das madeiras, desde que não fossem de carvalho ou faia, sem a autorização prévia do Guarda do Bosque Kerby.

³⁵ Há aqui um dado interessante: Thompson levantou em sua pesquisa empírica, que, por cada liberação, os guardiões dos bosques recebiam remunerações em lenho comestível (Thompson, 1997).

³⁶ THOMPSON, 1997.

³⁷ THOMPSON, 1997, p. 163.

Dentre todas as estratégias adotadas pelo bispado e pelo implacável Heron, a mais arguta foi, sem dúvida alguma, a redução das responsabilidades profissionais do guardião dos bosques Kerby. Por outro lado, existiam, como relata Thompson, outras ações que perpassavam, por exemplo, a falta de comunicação de eventos ocorridos nos bosques, deixando seu guardião “às cegas”. Um exemplo era o bispo que ocultava seus próprios abates do guardião dos bosques³⁸.

Não obstante, os planos do bispo e de Heron não foram muito longe, uma vez que o intendente foi em seguida destituído do cargo. Embora em uma leitura apressada, tende-se a associar sua demissão a Kerby. Thompson vem em seu socorro:

Sua demissão (ao que parece) não se deveu aos “artigos” de Kerby contra ele, mas a dois outros delitos: a lista de rendas que conseguiria reunir não era propriamente magnífica e, por algum descuido, não conseguiu acertar as contas com os mestres de obras encarregados da reforma do palácio do bispo em Chelsea, o que redundou num processo vitorioso por dívidas contra o bispo³⁹.

As relações sociais construídas em torno da exploração da floresta e de seus recursos naturais estabeleceram-se de forma conflituosa, em parte resolvidas nos tribunais. As experiências de luta de classe instauram as ações coletivas para aquela situação histórica. Edward Thompson relata que os agricultores pobres e os moradores da floresta organizavam “ações diretas para afirmar suas pretensões⁴⁰”. Como exemplo, escreve:

Se qualquer madeira devia ser abatida, independentemente do grau de formalidade da autorização real, em presença dos funcionários florestais durante as vendas de lenha, “muitos camponeses assistem oficiosamente, a partir desse princípio de atenção, e expressam sua apreensão de que alguma madeira sua seja vendida⁴¹”.

³⁸ THOMPSON, 1997.

³⁹ *Ibidem*, p. 165.

⁴⁰ THOMPSON, 1997.

⁴¹ *Ibidem*, p. 170.

Nota-se que o historiador britânico pretendeu expor ao seus leitores a visão tradicional e hermética sobre a luta de classes, a qual entendia como sendo o confronto entre duas classes antagônicas: a classe burguesa opressora e os proletários oprimidos. Thompson procurou e conseguiu ampliar o conceito de luta de classes, permitindo que em seu interior habitassem outras que não as proverbiais manifestações.

O livro *Senhores e caçadores* mostra que homens e mulheres reais são os construtores de sua própria história, empreendedores de seus destinos, donos de suas ações sociais e culturais. A obra, como Thompson descreve no posfácio, foi por alguns países e intelectuais que “professam uma ortodoxia mal chamada de marxismo⁴²” questionada e até mesmo rejeitada. Talvez a explicação assenta-se no já propalado debate envolvendo a historiografia marxista inglesa, da qual se origina Edward Thompson e outros pensadores de esquerda.

Pois bem, em foco, esta a leitura revisionista empreendida por Thompson de um lado, e por outro, a interpretação estruturalista mais fechada. A polêmica centrava-se na questão cultural, isto é, seus críticos e opositores argumentavam que as pesquisas enfatizavam demasiadamente aspectos culturais, renegando para planos inferiores e menos importantes os conceitos econômicos. Foram estes os sentimentos despertados em seus opositores intelectuais com a publicação de *Senhores e caçadores*. As acusações à obra aninhavam-se em críticas a um culturalismo exacerbado e a falta de precisão e rigor na utilização de fontes documentais. A origem das críticas provinha do professor John Cannon⁴³.

A réplica de Thompson a Cannon e a outros críticos foi arguta, certa embalagem por uma fina e sofisticada ironia, atributos de sua verve:

⁴² THOMPSON, 1997.

⁴³ Cannon foi professor titular de História Moderna da Universidade de Bristol. Em um periódico da Associação Histórica Inglesa (*History*), John Cannon teceu críticas pouco elogiosas ao livro *Senhores e caçadores*.

Aparecem três livros, independentes entre si, e imediatamente apresentam uma “ortodoxia” ameaçadora. Os autores desses livros, tomados em conjunto, só ocupam um único lugar no sistema universitário britânico: um cargo de lente numa universidade provinciana. Coletivamente, não dispomos de fundo nenhum, não controlamos nenhuma indicação, não procedemos nenhum exame, ao passo que nossos adversários continuam a se refestelar na maioria dos altos postos de comando das academias e a fomentar uma nova geração de historiadores à sua imagem⁴⁴.

E finaliza da seguinte forma:

É por isso, suponho, que respondo ao professor Cannon. Se não replicar sempre, vai circular, como aconteceu com Tawney e os Hammond, que a obra foi “desmascarada” por fulano de tal, e é corrupta. Mas sei que este livro, certamente como erros, não é obra de um artesanato corrupto: o trabalho foi longo e árduo demais para tanto [...]. Eles apelam a uma contra polêmica. Mas os problemas que podem causar continuam por explicar e entender: não serão resolvidos matando meu livro. E espero que o professor Cannon e seus colegas continuem com sua obra corrosiva, por mais irritado que eu possa ficar. Seria preferível uma crítica justa, seria melhor uma polêmica aberta sobre questões históricas reais, mesmo a crítica injusta mantém-nos vivos e alertas os estudiosos⁴⁵.

É dessa forma ácida que Thompson termina seu aclamado *Senhores e caçadores*. O livro é, de acordo com Thompson, um “experimento historiográfico” que conseguiu com clareza revelar a organização popular em torno das florestas inglesas, e como seus participantes, mesmo que de modo caótico, estabeleciam-se enquanto atores sociais. Esse é, talvez, um dos principais testemunhos deixados por Thompson e por seus escritos acadêmicos, isto é, que a história humana é construída e realizada

⁴⁴ THOMPSON, 1997, p 416.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 416.

independentemente das estruturas sociais, como pretendiam alguns intérpretes de Karl Marx.

Thompson imagina a história e suas relações sociais como sendo dinâmicas, fluidas e vivas, que transformam em busca de novas oportunidades. Tal dinamicidade é fruto do somatório de experiências históricas e sociais de atores homens e mulheres que estão à margem de análises historiográficas e sociológicas tradicionais. Ao fim e ao cabo, são eles seus verdadeiros artífices.

Este texto, em momento algum, pretendeu esgotar todas as possibilidades analíticas desse interessante e indispensável livro. Aqui se buscou construir uma hermenêutica própria sobre a obra. Oceanos intelectuais em aberto estão à disposição dos interessados. Basta mergulhar e aproveitarmos a leitura.